

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE - UFF
INSTITUTO DE ARTES E COMUNICAÇÃO SOCIAL - IACS
GRADUAÇÃO EM PRODUÇÃO CULTURAL - GGR

**A HERANÇA ESCRAVOCRATA NAS PRODUÇÕES CULTURAIS :
COMO PENSAR FORMAS CONTRACOLONIAIS DE PRODUZIR ?**

Ana Carolina dos Santos Acioli
Niterói- RJ .
2025

ANA CAROLINA DOS SANTOS ACIOLI

**A HERANÇA ESCRAVOCRATA NAS PRODUÇÕES CULTURAIS :
COMO PENSAR FORMAS CONTRACOLONIAIS DE PRODUZIR ?**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Produção Cultural da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para obtenção do Grau de Bacharel.

Campo de Confluência: Negritude e Trabalho

Orientador: Prof. Wallace de Deus

ANA CAROLINA DOS SANTOS ACIOLI

**A HERANÇA ESCRAVOCRATA NAS PRODUÇÕES CULTURAIS :
COMO PENSAR FORMAS CONTRACOLONIAIS DE PRODUZIR ?**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Graduação em Produção
Cultural da Universidade Federal Fluminense, como
requisito parcial para obtenção do Grau de Bacharel.
Campo de Confluência: Negritude e Trabalho

Banca Examinadora :

Prof. Dr. Wallace de Deus (Orientador) / Universidade Federal Fluminense

Dra. Cristiane Cardoso Campos

Dra. Ana Paula da Silva

Niterói, 2025

Ficha catalográfica automática - SDC/BCG
Gerada com informações fornecidas pelo autor

A181h Acioli, ANA CAROLINA DOS SANTOS
 A HERANÇA ESCRAVOCRATA NAS PRODUÇÕES CULTURAIS : COMO
 PENSAR FORMAS CONTRACOLONIAIS DE PRODUZIR ? / ANA CAROLINA
 DOS SANTOS Acioli. - 2025.
 31 f.

 Orientador: WALLACE DE DEUS.
 Trabalho de Conclusão de Curso (graduação)-Universidade
 Federal Fluminense, Instituto de Arte e Comunicação Social,
 Niterói, 2025.

 1. PRODUÇÃO CULTURAL. 2. AFETO. 3. ESCRIVIVÊNCIA. 4.
 CONTRACOLONIZAÇÃO. 5. Produção intelectual. I. DE DEUS,
 WALLACE, orientador. II. Universidade Federal Fluminense.
 Instituto de Arte e Comunicação Social. III. Título.

CDD - XXX



COORDENAÇÃO DE
PRODUÇÃO CULTURAL



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ARTES E COMUNICAÇÃO SOCIAL
COORDENAÇÃO DO CURSO DE PRODUÇÃO CULTURAL

ATA DA SESSÃO DE ARGUIÇÃO E DEFESA DE TRABALHO FINAL II

Ao dia vinte e cinco de julho do ano de dois mil e vinte e cinco, às doze horas, realizou-se a sessão pública de arguição e defesa do Trabalho Final II intitulado **A HERANÇA ESCRAVOCRATA NAS PRODUÇÕES CULTURAIS : COMO PENSAR FORMAS CONTRACOLONIAIS DE PRODUZIR ?**, apresentado por **Ana Carolina Dos Santos Acioli**, matrícula **118033018**, sob orientação do(a) **Dr. Wallace de Deus Barbosa**. A banca examinadora foi constituída pelos seguintes membros:

1º Membro (Orientador(a)/Presidente): **Dr. Wallace de Deus Barbosa**

2º Membro: **Dra. Cristiane Cardoso Campos**

3º Membro: **Dra. Ana Paula da Silva**

Após a apresentação do(a) candidato(a), a banca examinadora passou à arguição pública. O(a) discente foi considerado(a):



Aprovado



Reprovado

Com nota final após arguição:

10,0 (dez)

E para constar do respectivo processo, a coordenação de curso elaborou a presente ata que vai assinada pelo presidente da banca:

Dr. Wallace de Deus Barbosa
Presidente da Banca



Documento assinado digitalmente
WALLACE DE DEUS BARBOSA
Data: 28/07/2025 13:27:04-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

AGRADECIMENTOS

No dia 13 de maio de 2023, no Morro da Providência, estava eu, enquanto produtora, em um momento em que a produção se mostrava muito doída, em que o sonho de uma profissão parecia se tornar o pesadelo de uma violência psicológica. Eu estava ali após um projeto em que havia sido muito violentada e diminuída enquanto ser humano. Eu havia me esforçado mais do que podia para entregar aquela série audiovisual. Meu corpo gritou, veio o desmaio e, com ele, a força — pois, como uma boa filha de santo, não caio no chão. No último dia da minha jornada nesse projeto, cheguei a um limite em que o corpo desligou, mas, como sou feita de santo dentro do candomblé e como na nação Efon, acreditamos que após a feitura o sujeito feito não desmaia, minha santa, Nanã, tomou meu corpo.

O episódio do meu “desmaio” me fez romper com a desprodução daquele projeto, e isso me fez duvidar de toda a minha caminhada. Naquele momento, eu me sentia a pior profissional do mundo. A incapacidade havia sido imposta a mim e, logo, tudo parecia se questionar.

Foi quando recebi um convite para voltar a um projeto que me abraçou logo quando comecei na produção: a FLUP – Festa Literária das Periferias. E, no dia 13 de maio de 2023, lá estava eu na Arena Samol, como diretora logística. Nesse episódio, eu estava encarregada de cuidar da ida e vinda do nosso artístico, e foi nesse dia que encontrei Conceição. Não foi fácil, porque, apesar de eu estar como responsável pela chegada dela, ela estava em casa e transitava de forma livre.

Logo ela subiu o morro por conta própria e nos encontramos, ela como sempre encantou aquela multidão com palavras e logo tudo se tornou encanto. Ela tem esse poder de encantamento do mundo. Na hora de ir embora, acompanhei ela até o carro, abri a porta para ela, e para a minha surpresa ela me chamou para conversar, ela pegou nas minhas mãos olhou no fundo dos meus olhos e falou como alguém que abençoa o futuro: “Eu já fiz, está na sua hora de tomar a responsabilidade de seguir”.

Eu lembro de ter ficado muito amedrontada com aquelas palavras, mas me senti grande, pela minha ancestralidade me permitir tamanha honra, era como se Conceição tivesse conversado com minha avó que já havia partido deste plano material e para quem eu prometi concluir esses estudos.

De forma mais estratégica ainda, Conceição vem colocar em prática a parábola yoruba que ensina, “Exu matou um pássaro ontem , com a pedra que jogou hoje”. Pois depois de dois anos a gente se reencontra sem nem mesmo eu me lembrar de ter visto a pedra . As palavras de Conceição foram um empurrão de criatividade e um sopro de vitalidade para eu conseguir escrever as palavras que estão nessa pesquisa que tomou forma no ano de 2025, não coincidentemente ano em que ela é autora homenageada da FLUP, onde nos encontramos a primeira vez e em que sigo sendo Diretora Logística , não coincidentemente ela me apresentou Nego Bispo que traz conceitos centrais para essa pesquisa nesse mesmo festival.

E como não estamos falando de coincidência , é preciso falar de Exu , energia que dentro das religiões de matriz africana é responsável pelo caminho, pelos encontros, pelo destino. E Exu conduziu e conduz tudo para o desenvolvimento inclusive desta pesquisa . Não posso deixar de agradecer primeiramente a Dona Estrada , pombagira que guiou todos os meus passos e encontros para hoje eu poder concluir essa fase. Agradecer a Maria Padilha que esteve ao meu lado cotidianamente me ajudando a encontrar tranquilidade e inspiração , me ensinando rituais diários de fortalecimento .

Preciso também agradecer a Exu Veludo , que me protegia fisicamente enquanto tudo estava se desenhando. Preciso agradecer minha avó Luiza , por me ensinar o que era amor, se não fosse o amor e o afeto eu não teria uma visão apurada para nenhum dos temas que trago nesta pesquisa , a ela inclusive eu prometi que finalizaria essa graduação.

Não posso deixar de agradecer a minha santa, Nanã que me ensina sempre que a morte acontece durante a vida , e que a morte foi para mim salvação em muitos momentos em que ciclos precisavam se encerrar. Tenho também uma família enorme , poucos amigos , porém fiéis, que acreditaram e me estimularam para me ajudar no processo de escrita, a eles emano minha gratidão e fidelidade mútua.

E por fim , mesmo que eu não creia nele, preciso agradecer ao mestre Nego Bispo, que me ensinou e me permitiu pensar a partir de um visão contracolonial e me ensinou a confluir entre todas as multiplicidades que habitam em mim.



SUMÁRIO

RESUMO.....	6
INTRODUÇÃO.....	7
HERANÇA BRASILEIRA.....	9
PACTO DA BRANQUITUDE	13
TRABALHO INFORMAL E MEMÓRIA DA ESCASSEZ	21
O PERIGO DO NEGRO ÚNICO.....	17
CONCLUSÃO.....	25
REFERÊNCIAS.....	29

RESUMO

Este trabalho busca denunciar como a herança escravocrata brasileira ainda estrutura, direta e indiretamente, as práticas do mercado cultural contemporâneo, especialmente no que tange às vivências de profissionais negros. A partir de minhas escrevivências, conceito de Conceição Evaristo, compartilho experiências pessoais e coletivas no campo da produção cultural, relacionando-as com teorias de autores como Cida Bento, Sueli Carneiro, Grada Kilomba, Chimamanda Adichie, Achille Mbembe e Ailton Krenak.

Proponho discussões sobre os efeitos psicológicos, sociais e estruturais do racismo na jornada do profissional negro, abordando temas como o pacto da branquitude, o perigo do negro único, a violência do trabalho informal e a memória coletiva da escassez. O estudo propõe reflexões contracoloniais sobre o tempo, a saúde mental, a ancestralidade e o pertencimento no fazer cultural. Denuncio o perigo da figura do “negro único” nos espaços institucionais, a instrumentalização do corpo negro como performance de diversidade, e a reprodução de lideranças tóxicas como ferramentas coloniais de gestão.

Apresento ainda caminhos possíveis de resistência e reinvenção, como o aquilombamento, o autocuidado, a construção de redes afetivas e a valorização das tecnologias ancestrais como práticas de produção. O trabalho se propõe como uma forma de disputar narrativas, nomear violências e construir outras possibilidades de estar e produzir no mundo, valorizando o bem viver e a coletividade como bases para transformações no mercado cultural. Ao final, reconhece a espiritualidade, o tempo não linear e a reconexão com a terra como partes essenciais do enfrentamento ao modo capitalista e racista de organização da vida e do trabalho.

Palavras-chave: Produção cultural. Racismo estrutural. Negritude. Trabalho informal. Escrevivência.

INTRODUÇÃO

O objetivo desse trabalho é trazer à tona em tom de denúncia como a reprodução de pensamentos e atitudes herdados do período escravocrata vem conduzindo as produções culturais, com foco nos profissionais negros, e mostrar como essa reprodução está causando malefícios as pessoas envolvidas e impactando diretamente na qualidade do dia-a-dia do trabalhador da cultura.

Escrevo a partir de minhas escrevivências, conceito desenvolvido pela escritora Conceição Evaristo que traz como tecnologia de escrita, a vida e a vivência coletiva do povo negro. E transforma o indivíduo negro como autor de sua própria narrativa e narrador de suas próprias histórias.

“Nossa fala estilhaça a máscara do silêncio. Penso nos feminismos negros como sendo esse estilhaçar, romper, desestabilizar, falar pelos orifícios da máscara.”

(EVARISTO, 2017).

Trago nesse trabalho reflexões sobre o pacto da branquitude, termo apresentado por Cida Bento que nos denuncia um pacto existente entre sujeitos brancos que é usado como tecnologia de manutenção de poder e utilizado para manter o sujeito negro em um lugar de inferioridade e o sujeito branco em um lugar superior.

Denuncio o perigo do negro unico, inspirado pela reflexão de Chimamanda Ngozi Adichie que nos conta como o perigo da história única pode nos manipular e ser perigosa para nossa própria concepção e criação de imaginário. Para além de propagar uma certeza única sobre nossos corpos, narrativas e trajetórias, pode muitas vezes limitar tanto o nosso processo individual, asfixiando possibilidades de criação de novas perspectivas de realidade, e no coletivo pode limitar a visão do outro sobre a nossa possibilidade de ser.

Reflito também como o trabalho informal em intercessão a memória da escassez impactam diretamente na condição mental e jornada de trabalho do sujeito negro.

A partir disso, observa-se que a reflexão de tempo e dinheiro, culpa e afeto pode impactar nas produções culturais, no que diz respeito aos próprios profissionais envolvidos nos projetos, e também diretamente o desenvolvimento dessas produções desde sua concepção. Trazer o debate de como a herança colonial tem conexão direta com a reprodução de violências estruturais dentro do mercado cultural e trazer as vivências dos profissionais negres como exemplo de novas tecnologias, partindo de um lugar contracolonial que pensa lugar social, estado psicológico e saúde física como base do processo de produção.

O meu olhar para o tema me acompanha desde o momento em que consegui compreender o nome da profissão que pretendo me acompanhar para o resto da vida . Lembro de minha mãe me treinar para prestar o ENEM desde muito nova. Eu venho de uma família paraibana, por parte de pai e mãe, minhas duas avós vinham para o rio de janeiro na perspectiva de encontrar uma vida mais próspera financeiramente .

Minha avó paterna encontrou aqui uma relação análoga ao trabalho escravo e nessa condição seguiu por muitos anos de sua vida, mantida em cárcere em um porão, ganhando apenas o básico para conseguir se alimentar. Minha avó materna, por sua vez, encontrou na informalidade da rua um caminho para o sustento de seus dezessete filhos.

Eu nasci e cresci no Parque Columbia, um bairro na periferia da Zona Norte do Rio de Janeiro, fiz meu ensino fundamental em um escola particular do bairro e logo minha mãe começou a me preparar para os concursos públicos , lembro que enquanto eu cursava o antigo sétimo ano do ensino fundamental, já se falava sobre prestar prova para conseguir fazer meu ensino médio em uma escola pública, a falta de dinheiro era o principal motivar, mas a possibilidade de caminhos profissionais que um ensino médio em uma escola pública poderia proporcionar dava um tom mais romântico ao processo .

Como planejado por minha mãe, Eliete Barros do Santos, me dediquei três anos de estudos para prestar concurso até que finalmente chegou o dia de de escolher para qual curso técnico iria concorrer, tenho a memória de correr aqueles inúmeros nomes e de simplesmente não conseguir definir aos quatorze anos com qual profissão mais me identificava. Depois de muito rolar as opções o marketing e a possibilidade da criação me ganharam, logo minha mãe interveio e me alertou que por conta da minha classe social o melhor seria fazer administração, pois seria um caminho mais garantido. Com uma boa teimosia, conquistei minha vaga no curso técnico em marketing na Faetec Adolpho Bloch.

Aqueles três anos foram tão corridos como prometiam e minha mãe garantiu que eu teria a oportunidade de me preparar educacionalmente no meio da realidade de greves que enfrentei assim que entrei na rede Estadual. Apesar do meu ensino médio não ter me capacitado em matérias básicas por conta de um sucateamento na educação pública, o ensino público me fez gente, foi nessa escola que eu entendi que era uma mulher negra e nomeei um bocado de dor .

Sou muito grata pelos três anos que vivi na FAETEC e em que ela me tornou . Eu corri muito atrás para conseguir estudar nesse tempo e me preparar para o ENEM , eu lembro de pesquisar todos os cursos que tinham disponíveis nas faculdades públicas do espaço geográfico do Estado do Rio de Janeiro , lembro de encontrar Produção cultural e lembro de

me apaixonar, na plataforma digital da Universidade Federal Fluminense, encontrei o seguinte texto :

A área de atuação do Produtor Cultural é muito ampla. Em linhas gerais este profissional se encaminhará para a criação, estruturação e organização de projetos e produtos artístico-culturais, lidando com todas as etapas implicadas nesse processo. O curso formará profissionais habilitados para atuar em: Centros Culturais, Fundações, Institutos, Museus, Teatros, Galerias de Arte, Cinemas, Bibliotecas, Escolas, Universidades, Órgãos Oficiais de Cultura (municipais, estaduais ou federais), Organizações Não Governamentais (ONG's), Indústrias Cinematográfica e Fonográfica, Empresas de Televisão e Rádio, Setores de Marketing Cultural, Empresas de Produção Artística e Escritórios de Direitos Autorais.

Pronto, um mundo novo se abriu para mim, eu havia achado a definição de um profissão que abarcava toda a minha multiplicidade enquanto uma boa geminiana. Antes da minha aprovação no vestibular, a produção já havia me encontrado, através do terceiro setor, a produção foi até mim, lá no Parque Columbia e antes mesmo da minha matrícula eu comecei a trabalhar na área.

Eu acho muito bonito o relato da minha caminhada com a produção, o tom de denúncia na reflexão a partir da minha vivência no mercado cultural, não tem o objetivo de ganhar caminhos melancólicos e sim de trazer a reflexão de novas relações possíveis de serem construídas. Da mesma forma que meus relatos sobre minha caminhada até a chegada na universidade não tem a intenção de romantizar as dificuldades e sucateamento da educação pública e da dificuldade da trajetória que muitas mulheres negras enfrentam no caminho para a tentativa de ingresso à universidade.

Tendo a achar que ser descendente de camelôs, trabalhadores informais na rua, me deu um olhar mais apurado para as relações com o trabalho, a escassez de tempo que minha mãe tinha para mim durante toda minha infância por conta do trabalho independente me treinaram para compreender um ciclo existente.

A produção me encontrou em um momento de militância fervente e as críticas à neutralização da cultura enquanto ferramenta de crítica social de Victor Vich me encantaram. Vich introduz o conceito de “desculturalizar a cultura” para denunciar os processos pelos quais práticas culturais vivas, críticas enraizadas nos territórios são esvaziadas de seus sentidos sociais e políticos, sendo transformadas em meras atividades simbólicas ou decorativas. Segundo o autor, descentralizar a cultura é retirar da cultura sua capacidade de intervir no real, e era exatamente a intervenção ao real através da cultura como ferramenta que tanto me encantou e encanta.

A produção nasceu para mim com gostinho de ferramenta de luta e combate às opressões estruturais e nada mais fiel do que contradizê-la e compreender novos caminhos de se fazer .

Meu encantamento e conhecimento sobre a cultura , me fazem questionar os métodos de produção, justamente por compreender outras possibilidades de se fazer e após conseguir identificar e nomear violências herdadas e desenvolvidas por um sistema escravagista escrever esse trabalho é um caminho para disputa de narrativas com o objetivo de questionar o mercado cultural e trazer novas perspectivas para sujeitos negros trabalhadores da cultura , para que eles possam questionar suas vivências e conseguir nomear violências sofridas no cotidiano do trabalho. Pois como nos fala Bell Hooks, "Aquilo que não se pode nomear, não se pode transformar."

HERANÇA BRASILEIRA

A proposta de partir das minhas escrevivências — termo cunhado pela intelectual Conceição Evaristo, que descreve a experiência de escrever a partir de uma vivência coletiva — para abordar os dias atuais, não é colocar o “eu” como centro da narrativa, mas compreender a escrita como trajetória de um corpo-coletivo. Para fomentar esse caminho, antes é necessário realizar uma reflexão sobre a história deste país e sobre como a escravidão deixou marcas profundas que perduram até os dias de hoje

Propõe-se, portanto, pensar a história do Brasil a partir da trajetória do povo negro, tomando como marco simbólico o dia 14 de maio de 1888. Trago como referência o artista Lazzo Matumbi, que, por meio da música, denuncia o despreparo institucionalizado como política pública para manter o negro brasileiro em situação de vulnerabilidade social. Em sua canção, 14 de maio:

No dia 14 de maio, eu saí por aí

Não tinha trabalho, nem casa, nem pra onde ir

Levando a senzala na alma, subi a favela

Pensando em um dia descer, mas eu nunca descí.

(Matumbi, 1.987)

Lazzo nos denuncia como a narrativa de liberdade era tão falaciosa, que para nós foi vendida uma liberdade em que não se pensou reparação, moradia, trabalho. A educação nos foi negada, os acessos, fomos postos antes nas senzalas e no agora as margens onde construímos as favelas como ferramenta de sobrevivência. Em sua música Lazzo também propõem um processo de resistência a partir da identificação da nossa história, do nosso legado e da compreensão da beleza, não só de nossas almas como a de nosso povo.

Nêgo Bispo (2015) também argumenta que o fim da escravidão, por meio da Lei Áurea, não significou a verdadeira liberdade. Para ele, o fim formal da escravidão não foi acompanhado de reparações, terras ou direitos básicos. Ao contrário, o povo negro foi lançado à própria sorte, sendo submetido a uma nova forma de exclusão: a liberdade sem cidadania.

É de conhecimento geral, ainda que muitas vezes negligenciado, que o processo de colonização no Brasil foi marcado por intensa violência física, simbólica e histórica, direcionada tanto aos corpos indígenas quanto aos corpos negros — africanos escravizados e seus descendentes, que posteriormente se tornariam os negros brasileiros. Esse processo não se encerrou com a assinatura da Lei Áurea, em 1888, pela Princesa Isabel.

A abolição da escravidão representou, na prática, a manutenção de um sistema de exclusão e precarização que continuou atuando sobre os corpos negros. Embora não mais legalmente escravizados, passaram a ser marginalizados economicamente. Sem acesso à terra, à educação ou à cidadania plena, a população negra foi empurrada para a informalidade, para a vulnerabilidade e para os subempregos.

A experiência negra contemporânea, sobretudo nas periferias urbanas e nos territórios quilombolas, ainda carrega os sinais dessa longa história de exclusão. A informalidade no trabalho, a violência policial, a dificuldade de acesso a políticas públicas e a marginalização simbólica são expressões atuais de uma lógica social que tem raízes profundas na escravidão.

Nesse cenário contemporâneo de necropolítica, conceito que encontro no livro *Necropolítica* de Achille Mbembe (2011) que em síntese fala sobre o poder de definir quem vai viver e quem vai morrer. Achille analisa como o poder soberano, como o Estado e o colonialismo exercem o seu poder através da produção sistemática de mortes, seja por assassinatos, seja por abandono, negação de direitos ou confinamento. "O exercício do poder

consiste na distribuição da vida e da morte, de modo que o poder soberano decide quem pode viver e quem deve morrer.”, nos denuncia Mbembe.

Para além de um cenário atual de definição sistemática de extermínios em série o contexto de escassez, e exclusão vivida pelo sujeito negro. Quando o trabalho se encontra com o corpo negro, ele é apresentado como algo que lhe concederá dignidade, ou seja, o trabalho seria o caminho para nos conceder integridade e cidadania.

Eu, enquanto mulher negra, nascida na periferia do Rio de Janeiro, fui apresentada ao trabalho desde muito cedo: seja pela ausência de tempo da minha mãe, causado pela exigência de jornadas extensas, ou pela narrativa de que o trabalho seria o único caminho possível para escapar da escassez. O trabalho se tornou prioridade na minha vida, a partir desse momento.

Entendi muito cedo que o estudo também seria essencial. Por incentivo da minha mãe e, como nos lembra Mano Brown, “quando você é preto e pobre, tem que fazer dez vezes mais”, compreendi que seria necessário ser dez vezes melhor em tudo para que uma oportunidade se abrisse para mim. E também para tentar fugir dos subempregos e lugares de subserviência que o meu corpo seria influenciado a ir, o estudo em tese me ajudaria a criar novos contextos trabalhistas menos submissos.

Lembro que, ao finalizar o ensino fundamental, participei de processos seletivos para ingressar no ensino médio público de qualidade. Na época, ainda não tinha clareza sobre minha vocação profissional, mas o curso de marketing me chamou atenção. No entanto, minha família se posicionou contra essa escolha, por acreditar que, sendo eu preta e pobre, o curso de administração ofereceria um caminho mais seguro.

Essa vivência evidencia mais uma herança da escravidão: além de nos colocar sob regimes de tempo coloniais e capitalistas, ela nos retira a possibilidade de exercer o trabalho a partir do prazer. Falar sobre transformar nossas potências, pensamentos e gostos em trabalho é, para corpos negros periféricos, quase um luxo inalcançável.

Na prática, o jovem negro da periferia precisa fazer dinheiro para sobreviver, seus sonhos são frequentemente adiados ou descartados. Enquanto isso, aos jovens brancos é permitido desenvolver vontades e talentos antes de se pensar em retorno financeiro.

A experiência do trabalhador negro no Brasil é, portanto, profundamente marcada pelas heranças escravocratas. Nossa construção de relação com trabalho, nosso imaginário de possibilidades e desenvolvimento a partir de nossas habilidades, o potencial do estudo como movimento de emancipação do saber e de produção de novas ideias, são envenenados e sepultados muito antes de escolhermos nossa profissão, quando podemos escolher nossa profissão, pois sabemos que muitas das vezes nem mesmo conseguimos ter a possibilidade de pensar em trabalhar na nossa área de maior afinidade.

Para o sujeito negro resta o trem lotado, a dificuldade de locomoção pela cidade, a escassez, os trabalhos mal remunerados, os lugares de subserviência. O processo de epistemicídio, na perspectiva proposta pela filósofa Sueli Carneiro, ela nos fala sobre a tentativa de sepultamento dos saberes produzidos pelos sujeitos negros, o processo de asfixia social que nega ao negro o lugar de produtor de conhecimento/ciência e reforça a hierarquia racial, mantendo o negro compulsoriamente em um lugar social inferior ao branco.

PACTO DA BRANQUITUDE

Escrevo este momento de minha pesquisa no dia 13 de maio de 2025, data que talvez seja perfeita para refletirmos sobre o pacto da branquitude. O dia 13 de maio, considerado marco da liberdade negra no Brasil, serve para romantizar o discurso de liberdade a partir da mão do branco, configurando-se, na verdade, como mais um movimento de alienação e apagamento de nossa própria história.

O Movimento Negro Unificado (MNU), fundado em 1978 no contexto da ditadura militar e em resposta direta à violência policial racista, desde sua criação vem criticando a escolha do 13 de maio como data para a memória da abolição, reivindicando o dia 20 de novembro — data da morte do líder Zumbi dos Palmares — como símbolo legítimo da resistência negra brasileira. Ao invocar Zumbi, o MNU substitui o mito da libertação concedida pela narrativa de uma liberdade conquistada por meio da luta.

Em 2003, a partir da Lei nº 10.639/03, que instituiu o ensino da história e cultura afro-brasileira nas escolas, essa data passou a fazer parte do calendário nacional. A tentativa de apagamento da memória da nossa própria abolição, representada pelo 13 de maio,

evidência a ousadia do branco colonialista na manutenção de seus pactos e narrativas coloniais.

Pensando no mercado cultural, pesquisas recentes expõem as desigualdades presentes no setor. No ano de 2025, a ONU Mulheres apresentou, na 78ª edição do Marché du Film, em Cannes, um estudo sobre gênero e obras audiovisuais. Segundo os dados:

Os dados de renda revelam desequilíbrios significativos. Homens recebem, em média, R\$ 24.368,42, enquanto mulheres ganham 76% desse valor, ou R\$ 18.652,54. Mulheres negras aparecem como o grupo com menor média salarial: R\$ 13.187,50. Pessoas brancas apresentam rendimentos superiores em todas as faixas analisadas.

Além de reforçar a desigualdade econômica, a pesquisa aborda impactos na saúde mental:

Essas populações continuam vulnerabilizadas. Quando o assunto é trabalho digno e bem viver, enfrentam lacunas salariais, discriminação, assédio moral e sexual, além de dificuldades no acesso a recursos e oportunidades.

afirma Ana Carolina Querino, representante interina da ONU Mulheres no Brasil.

A partir da minha experiência em oito anos no mercado cultural, atuando em diversos escopos de equipes e setores da produção, é visível que as equipes de produção são compostas majoritariamente por pessoas cis brancas. Para além da ausência do corpo negro nos espaços de poder e decisão, somos minoria nas equipes como um todo. O impacto mental de ser minoria no espaço de trabalho é uma reflexão constante em meu cotidiano. Pergunto-me: qual o impacto de passar a maior parte do meu tempo rodeada de corpos brancos? Qual o efeito na minha saúde em ser sempre minoria no meu ambiente laboral? Como conviver com pessoas brancas em cargos superiores ao meu influencia minha jornada?

No primeiro semestre de 2025, participei da equipe de produção de uma série para streaming. Nessa equipe, havia uma mulher branca, que chamarei de Isabel — nome fictício para preservar a profissional — na função de Diretora de Produção. Isabel carregava um histórico de assédio e violência moral, mas ainda assim é uma profissional muito cobiçada no mercado.

A divisão da produção audiovisual se dá da seguinte forma: pré-soft, pré-produção, gravação e desprodução, considerando apenas o departamento de produção e desconsiderando criação de roteiro, viabilidade executiva, pós-produção e distribuição. Normalmente, o departamento de produção atua da pré-produção até a desprodução. Pensando no desenvolvimento de uma série, falamos de uma média de quatro meses de trabalho — um ritmo que já indica uma jornada desumana, considerando o processo de preparação, gravação e desprodução de produtos com cerca de nove episódios de quarenta minutos cada.

Durante a pré-produção, Isabel demonstrou descontrole emocional e, por diversas vezes, presenciei rompantes de agressividade verbais dela contra outros profissionais. Essas atitudes eram frequentemente endossadas por outras mulheres brancas em cargos superiores. Sempre havia justificativas para seus momentos de assédio.

Isabel atacava, inclusive, outras mulheres brancas, porém sempre havia uma espécie de pacto social que mantinha essa relação, mesmo quando o assédio era questionado. Mesmo que uma mulher em cargo inferior denunciasse a violência sofrida, tudo era resolvido em uma cervejinha após o expediente.

Quando começamos as gravações, havia uma profissional negra no cargo de Primeira Assistente de Produção, posição que exige contato direto com a diretora. Ficava evidente para todos que o grito e a opressão eram usados como ferramentas de gestão, reproduzindo a tecnologia colonial de liderança.

Em um momento, essa profissional negra questionou Isabel no mesmo tom agressivo usado contra ela. Isabel, surpresa por tal reação, elevou ainda mais a voz, e ocorreu uma grande discussão entre as duas.

No mesmo dia, a diretora branca demitiu a assistente negra e iniciou um processo performático de vitimização, reproduzindo o estereótipo da “mulher negra raivosa”. Isabel se colocou como vítima, enquanto a profissional negra que reagiu passou a ser vista como agressora. Para surpresa de ninguém, muitas pessoas brancas se comoveram com Isabel, e a violência exercida por ela não foi punida. A profissional negra perdeu quatro semanas de salário, teve sua saúde mental, financeira e física abalada e recebeu palavras de apoio, mas nenhum suporte concreto. Os profissionais responsáveis por cuidar das relações humanas na produção, em tese para garantir segurança e saúde dos trabalhadores, na prática atuaram

como porta-vozes dos interesses do branco, do chefe e de quem detém o poder, reproduzindo o papel de domesticadores que amansam corpos violentados.

Trago essa história porque ela me trouxe clareza sobre a materialidade do pacto da branquitude. A partir dela, busquei as análises da intelectual Cida Bento para compreender melhor minhas relações de trabalho.

Estar exposta a um ambiente onde se é minoria, mesmo sabendo que a maior parte da população brasileira é composta por pessoas racializadas, representa uma violência extrema.

Ao analisarmos nosso cotidiano — desde o tratamento recebido em reuniões, a validação das opiniões até mesmo a cervejinha no fim do dia — sempre há algo que nos coloca em posição desconfortável de inferioridade.

A branquitude opera como um pacto não declarado, um sistema de proteção de privilégios que se mantém pela exclusão ou inclusão subalternizada de negros em espaços sociais, inclusive no mercado de trabalho. Essa dinâmica se sustenta na crença inconsciente de que pessoas brancas são mais competentes ou adequadas para posições de poder.

(BENTO, Maria Aparecida Silva. In: BRANQUITUDE E PODER. São Paulo: Perspectiva, 2022, p. 45).

O pacto da branquitude, conceito cunhado por Cida Bento, afirma que existe um pacto narcísico não verbalizado entre pessoas brancas que fortalece um grupo de iguais, excluindo corpos que não pertencem a esse grupo. Esse pacto assegura a permanência e o fortalecimento do grupo no poder, garantindo a exclusão de outra parte da população sob a justificativa do mérito. Ou seja, cria-se a narrativa de que pessoas brancas ocupam espaços de poder por merecimento, ignorando o legado de quatro séculos de escravidão.

Não é que as pessoas se encontram às cinco da manhã para combinar. Mas, nas diferentes instituições, você tem o mesmo perfil de pessoas liderando e liderar significa tomar decisões que influenciam o país.

(BENTO, 2023)

Esse pacto sustenta as desigualdades, pois pessoas brancas asseguram espaços para outras pessoas brancas dentro dos lugares de poder, garantindo esses espaços com sensação de legitimidade e conforto. É uma herança que mantém a presença de pessoas brancas no

poder de forma cíclica, hereditária e compulsiva. Além disso, é um pacto silencioso onde eles são criados para definir o que é certo/errado, bonito/feio, bom/ruim.

Nesse pacto, muitas vezes, profissionais brancos se apoiam para reproduzir violências contra profissionais negros e ainda assim são vistos como sensíveis, pessoas sobrecarregadas e humanas o suficiente para cometer erros, mesmo que esses erros sejam racismo.

Por outro lado, profissionais negros têm menos chances de errar, raramente são prioridade na escolha das equipes, precisam constantemente provar por que merecem seus cargos e não recebem acolhimento quando sofrem violências no trabalho, vivendo as consequências do racismo em seus corpos e mentes.

O pacto da branquitude dificulta a entrada do profissional negro no mercado, sua manutenção nele e, mesmo que consiga permanecer, garante que, enquanto formos minoria, sempre parecerá que não encaixamos na vaga e nossa saúde mental nunca estará assegurada.

O PERIGO DO NEGRO ÚNICO

A reflexão sobre o perigo da História Única de Chimamanda Adichie nos traz à tona , o perigo de sermos representados e contados a partir de um único ponto de vista .

Chimamanda conta como os estereótipos acerca de pessoas vinda de África , atravessou sua experiência na faculdade Eastern Connecticut State, sediada nos Estados Unidos, onde em seu primeiro contato com sua colega de quarto branca estadunidense , ela deduziu que a intelectual nigeriana vinha de uma tribo onde não havia contato com tecnologias básicas , onde se passava muita necessidade e onde não se existia nenhum tipo de desenvolvimento.

Nunca se passaria na cabeça de uma mulher branca estadunidense que só teve contato com reproduções racistas da mídia, das notícias de miséria e guerra do continente africano que a África é composta por muitos países, e que a Nigéria apesar de sua instabilidade política é uma das maiores economias de África , quando pensamos em Produto Interno Bruto, segundo a plataforma nigeriana de notícias, Naira Metrics, além de ter um setor petrolífero poderoso e uma indústria cinematográfica conhecida mundialmente, Nollywood.

Chimamanda também nos conta como o acesso restrito a livros britânicos influenciou sua criatividade enquanto escritora. Apesar de viver em um país de clima tropical úmido, a

escritora sempre reproduzia as manifestações naturais dos livros que ela consumia, ou seja, existia uma neve constante em suas narrativas e o sol era muito aclamado por sua aparição esporádica. Para além do clima, só ter contato com a literatura britânica, fazia com que Chimamanda compreendesse ser impossível ter pessoas negras em livros, é como se fosse algo proibido .

Quando finalmente a pensadora nigeriana , teve contato com livros produzidos por pessoas negras/nigerianas, um novo mundo de possibilidades e narrativas se abriu para a mente dela , que começou a escrever narrativas para além das que lhe foram apresentadas e novas histórias diversas começaram a florir dentro de sua criatividade .

Se refletirmos sobre as histórias únicas contadas sobre a população trabalhadora negra brasileira, caímos em muitos estereótipos e lugares de subserviência . É compulsório o lugar de submissão ocupado por mulheres negras nesse país, como denuncia Lélia Gonzalez o racismo estrutural de gênero, historicamente, empurra mulheres negras para para funções domésticas, de cuidado e obediência — um lugar social imposto pela colonialidade.

A mulher negra é construída como empregada doméstica — seja
dentro ou fora da casa-grande.
(GONZALEZ, 1982)

Grada Kilomba, em seu livro *Memórias da Plantação*, analisa como o racismo determina, quem pode falar, quem pode cuidar, quem pode mandar. Ela discute como as mulheres negras são naturalizadas no papel de cuidadoras, empregadas, serviçais, e como nos é negado o lugar de pensadoras e líderes .

Toda vez que uma mulher negra se movimenta para quebrar essa história única de servidão imposto a nós, um movimento de luta contra colonial se inicia. Sabemos que quando falamos do departamento de produção compreendemos que corpos negros são minorias , quando se não os únicos.

Penso que para além do lugar de tokenismo racial, que como reflete Djamila Ribeiro é a falsa ideia de representatividade. Ou seja , a instrumentalização da presença negra como forma de manter as hierarquias sob aparência de inclusão. O processo de ser o único indivíduo negro em uma equipe, passa pelo processo de isolamento, sem real inclusão , poder ou transformação social. Onde o corpo negro só está ali para uma performance e validação de uma diversidade encenada. O lugar do negro único foi também contado tanta vezes para nós que quando compartilhamos espaços com outro profissional negro ao invés de automaticamente criarmos um elo e uma irmandade, criasse uma rivalidade , pelo medo de se perder aquele lugar dito único . Ou seja , se nessa empresa só tem eu de negro e outra pessoa

negra é contratada , precisaria eu ser melhor que você para mostrar que mereço mais essa vaga do que você , já que ela é escassa , unica e não abarcaria mais de um corpo como o nosso.

Em 2023 integrei uma equipe onde eu e uma outra mulher negra compartilhamos o mesmo cargo de liderança, éramos Coordenadoras de Transporte de uma série enorme. Entendemos em que frente cada uma atuaria e iniciamos os trabalhos, logo no início do processo era nítido que existia algum incômodo na nossa relação, mas nada era dito, acho que na verdade não tínhamos consciência do que na verdade estaria acontecendo ali. Eu lembro de como as coisas pioraram conforme passamos para o processo de gravação, onde é um momento em que o tempo se torna mais escasso , a pressão e a demanda aumentam.

Em questão de semanas tudo virou um show de horror, para além de ser um trabalho com uma carga desumana , onde não conseguimos folgar, não existia tempo para descanso , para aproveitar a família. Se instaurou uma rivalidade entre nós duas, pessoas acima da gente começaram a implantar um discurso que eu teria menos experiência e ela mais, que uma sobrecarregaria a outra e apesar disso nunca ter saído de nossas bocas, a narrativa estava instaurada.

Lá estavam duas mulheres negras, com vivências totalmente opostas, competindo para o lucro do branco, quando cometemos erros, ao invés de nos apoiar, soltamos a mão uma da outra. Todo esse processo foi muito adoeecedor para mim , no meu último dia de trabalho o estresse era tanto que desmaiei. Passei o ano seguinte desse trabalho com muitas questões psicológicas e traumas causados por essa experiência que fiz questão de levar para terapia para tentar compreender ainda melhor .

Hoje, olho para aquele projeto e vejo que apenas seguimos um fluxo de uma história que já havia sido contada para gente . Nós não poderíamos ocupar o mesmo cargo , não poderia haver duas mulheres negras no comando. Além disso, essa narrativa foi reforçada o tempo todo pelos superiores, que incentivaram aquela competição. Era como se fosse um experimento para induzir a nossa competição e provar que nós não poderíamos coabitar naquele espaço, essa experiência eu denomino de perigo do negro único.

O mais intrigante dessa história, é que o cargo diretamente superior ao nosso era ocupado por um homem negro, que aparentemente era muito bem letrado racialmente, um homem negro que você olha e sabe que ele sabe que é negro. Um homem mais velho e de muitas palavras que pateticamente assumiu um lugar de capitão do mato e usou o seu “lugar de poder” para dirigir toda aquela vergonha.

Como nos diz Abdias do Nascimento o capitão do mato é um símbolo do negro, que ao ser integrado á estrutura do poder branco , torna-se agente de repressão contra seus iguais .A alienação forçada que até hoje coloca negros contra negros, a favor do lucro do branco é ainda uma ferramenta colonial perversa, para manter o poder da branquitude.

Antes o capitão do mato capturava escravizados fugidos, reprimia rebeliões, intimidava outros escravizados, castigavam fisicamente escravizados a mando do senhor de engenho. Hoje, o capitão do mato contemporâneo, ele reproduz o discurso colonial, ele gesta equipes de forma exploratória, ele anula o capital social e lugar de humanidade dentro do trabalho em prol do capitalismo. Mas a figura do capitão do mato contemporâneo e o do capitão do mato dos engenhos tem um lugar em comum, a falsa sensação de liberdade e superioridade, eles reproduzem o racismo na esperança de alguma aceitação e mobilidade da própria realidade.

É urgente rejeitarmos uma única narrativa sobre nossa própria história, descolonizar nossas mentes e olhares para não cairmos nessas ficções coloniais criadas para nos manter em um ciclo de cárceres. Quando contam apenas uma história sobre um povo é isso que ele se tornará .

Iniciei o ano de 2025, me recolhendo para uma obrigação religiosa , nesse momento eu estava trabalhando em uma equipe majoritariamente branca, nada de novo, e adivinhem estava compartilhando cargo com um outra mulher negra. Para o processo do meu Odu Ita, obrigação de três anos de santo dentro do candomblé, como segue minha nação Efon, eu precisaria ficar uma semana recolhida e sem contato nenhum com o mundo externo e logo depois seguir um mês de restrições, o preceito. Quando eu recebi o convite para esse trabalho imediatamente acordei a minha ausência com meu superior, a data chegou, me recolhi, obrigação tomada e voltamos ao trabalho. Quem já passou por processos religiosos de preceito, sabe que nem sempre o trabalho é um lugar confortável, o medo do que aconteceu no tempo da minha ausência já era algo presente, agora a ansiedade de pensar como meus parceiros de trabalho lidariam com minhas limitações , com minha estética em um momento em que eu precisava estar toda de branco, de pano de cabeça, pano da costa, contra egun, mocan, nheim, ou seja, era preciso estar com muitos elementos da minha religião naquele momento como forma de preservação do meu corpo.

Com toda minha experiência dentro do mercado cultural, sabia que era uma grande oportunidade para pessoas que quisessem me passar a perna , ser injustas , apesar de rezar ao sagrado um preceito de paz e tranquilidade. Quando encontrei com a Mayara a primeira vez, profissional que compartilhava do mesmo cargo que eu na equipe, ela foi muito gentil e como

ela não é uma pessoa candomblecista, logo quis se inteirar para entender como poderia me ajudar com minhas limitações e fazer do meu processo de preceito mais confortável enquanto estivesse no trabalho.

Começamos a gravar o projeto e ela me acompanhou em todo momento, o momento das refeições, as gravações na rua embaixo de sol, são delicados para quem está de preceito e Mayara foi uma companheira excepcional me ajudando a estar confortável em todos esses momentos. Formamos uma dupla incrível, para além do apoio com minhas limitações, firmamos ali uma irmandade onde uma ajudava a outra a tornar o processo insano das gravações no mais confortável que podíamos. Criamos processos e tecnologias de resistência a partir das nossas possibilidades.

Ressignificamos cotidianamente diárias que poderiam ser levadas de forma desumana, sempre nos atentando em beber água, descansar o corpo e colocando na prática tecnologias afetivas de proteção ao nosso corpo. Naquele projeto conseguimos desenhar uma nova narrativa sobre o que seria aquele encontro, contamos uma nova história e criamos uma nova verdade.

Ressignificamos um sistema tão cruel, a partir da vida, do bem viver, do empoderamento dos nossos corpos como bem mais importante e inegociável dentro de um processo de produção, conseguimos nos apoiar e no lugar de competir, direcionar nossas energias para de forma atenta não reproduzir as vontades do colonizador. Conseguimos firmar aquilo que o branco mais teme, a harmonia e a união entre corpos negros.

TRABALHO INFORMAL E MEMÓRIA DA ESCASSEZ

Através de pesquisas do Instituto Brasileiro de Geografia - IBGE conseguimos observar que o mercado cultural apresenta uma taxa de informalidade maior do que o total da economia. Em 2020, enquanto a média de informalidade nacional era de 38,8%, a informalidade no setor cultural era de 41,2%.

Ainda segundo dados produzidos pelo IBGE a informalidade no país no quarto trimestre de 2024 alcançou 38,6%, a dos pretos era 41,9%; e a dos pardos, 43,5%. O índice entre as pessoas brancas ficou abaixo da média: 32,6%.

Dessa forma, compreendemos que a população negra já é sistematicamente empurrada para a informalidade, quando colocamos uma lupa nos profissionais negros que trabalham com cultura a situação se agrava mais ainda. Diferente do processo de “Uberização” e aversão ao trabalho CLT, que observamos na contemporaneidade, a

informalidade observada no mercado cultural acontece por um déficit de empregos formais no setor .

Apesar do que muito se comenta sobre a oportunidade de uma maior flexibilidade e gestão do tempo a partir da informalidade, o que muito acontece nas contratações no mercado cultural são vagas que demandam uma dedicação diária presencial com uma carga horária na maioria das vezes de doze horas de dedicação e como podemos observar no mercado audiovisual , muitas vezes o trabalhador é submetido a uma escala 6x1 .

Pensando no dia de um trabalhador do audiovisual em período de gravação, analisamos que se considerarmos que ele leva uma hora para ir , uma hora para voltar do set e grava durante doze horas, pensarmos que ele dorme durante oito horas, resta a esse trabalhador duas horas do dia para “viver”, tempo onde provavelmente esse trabalhadores estão se arrumando para trabalhar ou para dormir .

Na melhor das hipóteses esse trabalhador faria uma escala 5x2 , onde ele trabalha cinco dias e descansa dois e levando em consideração oito horas de sono nos dias de folga , em uma semana esse trabalhador teria investido setenta horas do seu tempo trabalhando e só teria quarenta e duas horas para investir na sua própria “vida”.

No programa Papo de Segunda , da associada da rede globo GNT, Russo Passapusso, cantor, compositor e apresentador, conhecido por misturar ritmos afro-brasileiros e expressar vivências coletivas nos leva a refletir que para além do tempo, também devemos pensar no quanto de energia nos resta nesse "tempo de vida", depois de uma semana puxada , quem consegue descansar e quem goza da amenidade de não ter responsabilidades com as tarefas doméstica ? “E o tempo lá correndo , o relógio lembrando que amanhã tem muito serviço, tem de novo trabalho”, alerta Russo, pois no pouco tempo que resta para o descanso o corpo segue em estado de alerta , já pensando na semana que se inicia.

Qual tempo temos para sonhar ? Qual tempo temos para planejar nossos sonhos ? Qual tempo temos para olhar nossa relação com a terra ? Qual tempo temos para dedicar ao nosso sagrado ?

A falta de tempo para além de impactar diretamente em nossas vidas no agora , nos impede também de estarmos em outro lugar no futuro. Se torna nítido que ter tempo e saúde para desenvolver nossas habilidades técnicas, para seguir estudando, desenvolver nossas próprias opiniões, compreender e organizar os sonhos é um privilégio.

A política de exploração do trabalhador, garante inclusive que o sujeito não tenha tempo de se revoltar , o trabalhador não tem tempo para entender seus direitos , ou os direitos

que os falta e o cansaço mais a falta de tempo , garante que esse trabalhador não consiga minimamente nem questionar a sua realidade .

Edilene Lôbo, jurista, professora e a primeira mulher negra a integrar o Tribunal Superior Eleitoral como ministra substituta, representando um marco histórico na luta por representatividade e equidade racial e de gênero no sistema judiciário brasileiro. Nos propõe a colocar uma lupa e observar como a realidade da mulher negra trabalhadora é atravessada por múltiplas jornadas de trabalho. Para além de enfrentar a jornada de trabalho destrutiva , essa mulher chega em casa e é compulsivamente jogada para as atividades domésticas , se essa mulher for mãe a jornada multiplica mais uma vez, a ela é determinada a responsabilidade de cuidar da família , da casa , para além de dar conta do trabalho.

Eu entrei no mercado cultural em 2017, com dezessete anos de idade, em oito anos no mercado nunca tive a oportunidade de trabalhar de carteira assinada . Em 2018 precisei abrir meu MEI - Micro Empresa Individual e em 2022 precisei migrar para ME - Microempresa, por exigência de um contratante. Basicamente isso quer dizer que a menos que eu contribua com o INSS, eu não tenho nenhum benefício garantido pelo governo. Falando de forma muito objetiva , eu não tenho direito a férias, horas extras remuneradas , seguro desemprego, licença maternidade, ou seja , sem direitos trabalhistas.

Em minha vivência no mercado cultural a média de vigência de cada contratação que tive foi de quatro meses, o projeto mais longo que fechei nos últimos oito anos foi de sete meses. Dessa forma , existe uma ansiedade permanente na minha jornada em sempre pensar no próximo trabalho, uma vez que o meu salário depende do meu vínculo com algum projeto, existe sempre uma necessidade de estar pensando a frente e almejando a próxima proposta. O que prejudica diretamente a minha saúde mental.

No ano de 2024, eu decidi iniciar meu processo para tirar minha carteira de motorista, juntei dinheiro e paguei integralmente todo o processo para conquistar minha licença de carro e de moto. Foi muito difícil conciliar todas as outras demandas da vida com o fluxo das aulas, mas apesar de parecer impossível eu consegui finalizar. Quando eu estava perto das provas eu lembro de um medo me travar , eu comecei a ter muitas crises de ansiedade , eu não conseguia fazer mais nada, minha autoestima estava totalmente abalada naquele momento e incessantemente me vinha os valores monetários que eu precisaria pagar caso reprovasse , eu ia dormir fazendo contas e planos de como eu conseguiria pagar o DUDA , o aluguel do carro , a aula extra. Naquele momento, eu teria aquele dinheiro, caso eu não passasse na prova , como aconteceu, mas o medo de não ter, a memória da falta me travaram e fizeram daquela experiência traumatizante.

Recentemente viralizou por meio das redes sociais, um vídeo da atriz Taís Araújo em entrevista à jornalista Maria Fortuna falando sobre a dificuldade dela de dizer não para trabalhos por conta do medo da escassez. Apesar de ter começado a trabalhar aos treze anos e ser uma atriz com trabalho reconhecido e consolidado há trinta anos na televisão, no teatro, publicidade e em muitas outras frentes, ela ainda enfrenta um medo da falta, o que faz ela se sobrecarregar ou acabar aceitando um trabalho que não gostaria de fazer.

A memória da escassez é uma lembrança coletiva de períodos de pobreza, marginalização e privação material que o povo negro viveu e vive. A atriz Viola Davis, em sua autobiografia *Em Busca de Mim*, narra como a escassez moldou sua identidade como mulher negra, a partir das suas vivências e memórias de infância. Ela fala muito sobre quando era criança e vivia em extrema pobreza e como aquela pequena menina que ainda muito cedo teve a sua trajetória atravessada pelo racismo em seu cotidiano a persegue até o dia de hoje. Apesar de sua riqueza atual, Davis diz que ainda sente medo da escassez, como se a qualquer momento tudo pudesse acabar. “A criança faminta ainda vive dentro de mim”, escreve.

Além do medo da escassez a partir das nossas próprias trajetórias de vida, ainda existe um medo a partir da nossa construção coletiva enquanto povo. Neusa Santos em *Tornar-se Negro*, explorava como a introjeção da inferioridade racial gera dores psíquicas profundas, a partir de vivências coletivas. “O sofrimento psíquico do negro não é apenas pessoal, é socialmente produzido e compartilhado por todos aqueles que têm o corpo marcado pelo signo da cor.” reforça em seu livro.

Dessa forma, conseguimos compreender dois caminhos, um cenário onde a informalidade coloca o trabalhador a incerteza, a falta de garantia e um caminho onde pessoas negras carregam em si um medo da escassez, baseado na falta e sofrimento coletivo, de nossa trajetória enquanto povo. Quando esses caminhos se encontram para construir a estrada do sujeito negro trabalhador da cultura, compreende-se o quanto o mercado proporciona um cenário de asfixia social ainda maior de forma que a falta de direito trabalhista, a falta de instabilidade financeira, a procura incessante pelo próximo projeto, mais a memória da escassez e o medo da falta nos empurra para um lugar de vulnerabilidade ainda maior.

Como consequência nos vemos, acumulando trabalhos, na perspectiva de acumular dinheiro, temos dificuldade de negociar boas condições trabalhistas, com medo de não fechar o trabalho. E vivemos um eterno ciclo de ansiedade e medo que ceifam nossa autoestima e nos colocam em um lugar de silenciamento compulsório.

CONCLUSÃO

Em conclusão entendo que comunicar essas experiências , trocar informações e nomear violências vividas cotidianamente por profissionais negros através de um trabalho academico me abre a porta para nesse momento iniciar uma disputa de narrativa dentro do campo do pensamento.

Tudo o que trago em minhas escritas , primeiro me atravessou de forma física ou oral, o que diz muito sobre a qual cultura e pertença .“Nas culturas de matriz africana, a oralidade é repositório de saber, é biblioteca viva.” Como diz Luiz Antônio Simas no livro *Filosofias africanas: Uma introdução*. Para além de minhas vivências serem validadoras e estruturantes nesta narrativa.

Um dos objetivos desses estudos é trazer uma sobriedade ao trabalhador negro da cultura sobre sua realidade, e propor uma conscientização desses sujeitos através da reflexão acerca de agressões que muitas vezes passam de forma tão cotidiana que se é negado a possibilidade de reflexão sobre o efeito dessas violências sobre nossos corpos e se estabelece a naturalização de um ciclo de opressões.

Ou seja, nos é negado tempo até mesmo para criticar nossa própria jornada de vida, o cantor Emicida em seu documentário *o Enigma da Energia Escura* nos fala, “O tempo é luxo” e a partir do momento que o tempo passa a ser um privilégio, toda brecha encontrada pelo o trabalhar para se movimentar em prol de si é um ato revolucionário.

Muitas vezes parecem fictícias as possibilidades de contra argumentos sobre violências que estruturam nossa sociedade, mas penso que cada movimento e proposta em prol da saúde e reparação ao povo negro, se colocam enquanto tecnologias de combate. Propor reflexões e atitudes contra o sistema diariamente, são por si só formas de trazermos para materialidade um caminho de se pensar estratégias contracolônias para a forma em que se coloca o trabalhador na cultura de forma compulsória.

Quando pensamos no pacto da branquitude e da nossa dificuldade não só de entrada no mercado cultural, e nem só da nossa permanência lá, mas principalmente sobre a dificuldade de manter nossa estadia de forma saudável em um ambiente em que um pacto contra nossas corpos está estabelecido, pensar micro tecnologias individuais como a sobriedade de compreender que o movimento do sentimento de não caber é algo construído e não algo que parte de concretude da nossa individualidade, é essencial .

Os limites determinados por nós e as ferramentas de manutenção da saúde mental através daquilo que nos é realidade são fundamentais para o que nos deve ser inegociável,

nossa saúde. Apesar de parecer um discurso muito romântico, pois é óbvio que precisamos nos expor a muitas situações por conta da remuneração financeira, a resistência a partir do conhecimento me parece um bom caminho, pois quando a gente compreende o processo coletivo de opressão a gente consegue assimilar que o sistema se desenha contra nós antes mesmo de nos mostramos de forma individual. Despersonalizar a opressão entendê-la como política, nos permite compreender que não é sobre nossas ações, sobre nossas personalidades, nada que fizermos será suficiente para caber. Mesmo que a gente abdique de toda nossa essência, tempo e vida para dedicação a um trabalho, sempre terá algo que o branco irá questionar. É como se, para sermos apenas consideradas, tivéssemos que trabalhar o dobro, falar o triplo, entregar resultados impecáveis, e ainda sim, justificar nossa presença”, afirma Monique Evelle, empreendedora, ativista e estrategista de inovação social. Então tomando consciência que nada que fizermos será suficiente para nos garantir vagas, reconhecimento, acolhimento, que não negociemos nossa saúde, tempo e vida em prol de um trabalho.

Os pensamento de Ailton Krenak no livro *A vida Não é útil*, em que ele nos fala sobre a vida não ser utilitária no sentido de a vida não ser um produto, em que ele questiona o sentido de viver com a necessidade de se produzir algo “O pensamento vazio dos brancos não consegue conviver com a ideia de viver à toa no mundo, acham que o trabalho é a razão da existência”, diz Ailton.

A compulsão por ocupação, muitas vezes está ligada a sensação de sucesso, pois criou-se a falsa verdade que se estamos muito atarefados por conta de uma profissão isso seria um lugar de ascensão. O modo de viver e pensar dos povos originários deixa evidente em comparação a nossa experiência moderna que procurar os momentos de inutilidade da vida pode ser um processo de renovação da nossa saúde física, mental e espiritual.

Ailton traz como demanda urgente acordar antes do sol para convidar o Deus solar a vir à terra, eu faço questão de parar todas as vezes que sinto um vento mais forte, em todo momento que vejo uma borboleta, sempre que passo por uma encruzilhada, ali está um momento de pausa. Dessa forma, entendo que muitas vezes a retomada aos hábitos e princípios originários, nos ajuda em meio a experiência insana do capitalismo, ao criarmos uma lacuna xamânica de tempo, em que podemos observar por um momento a vida crua dentro de nossa própria inutilidade e propor respiros para mente e uma alternância de prioridade, essencial para colocarmos o trabalho no lugar onde deveria estar, de ordinário.

Quando olhamos para o perigo do negro unico, penso que devemos sempre fazer o exercicio de nos agregar enquanto individuos que compartilham lugares em comum. Deixar-se usar pelo branco em prol de um sistema que só beneficia a ele mesmo e os seus

iguais é se colocar contra sua própria existência . A possibilidade de encontrar apoio e se fazer um lugar de referencia para outro profissional negro, é uma oportunidade de aquilombamento.

A possibilidade de identificação e fortalecimento entre profissionais negros é em si só empoderadora para nossa jornada, o auxilio emocional e o suporte que podemos nos dar diariamente, utilizando como ferramenta, o diálogo, o convívio, a identificação, pode nos elucidar nossos valores e competência , sem necessitarmos da validação do branco como régua para aferir nossas capacidades e valores.

Pensando sobre o trabalho informal e a memória da escassez penso que primeiro, a criação de novas memórias sobre nossos corpos se tornam urgente, reconhecermos nossa própria história, compreender os feitos de nosso povo e entendermos o quão rico nossas pensamentos, movimentações e criações nesta terra e em outras realidades paralelas são fundamentais para que tudo aconteça, se mostra necessário para mantermos nosso valor enquanto população.

É nítido que o trabalho informal acontece de forma compulsória, e que precisamos falar sobre dinheiro, uma vez que estamos inseridos em um sistema capitalismo, acredito que o letramento financeiro, uma boa gestão do que ganhamos, pode ser uma proposta para tentarmos ter algum tipo de segurança financeira na tentativa de conseguirmos investir na nossa saúde mental, ter alguma reserva para nos proporcionar momentos de cansaço e ter alguma margem para negociar ou até mesmo negar trabalhos que tentam nos empurrar condições que não julgamos confortáveis.

Nossa rotina precisa ser pensada, organizando de forma estratégica refletindo como podemos nos proteger em meio a correria, a falta, a violência, é urgente termos tempo inclusive nossas famílias, trocar com os mais velhos, tocar o solo, brincar com as crianças, conversamos com a natureza que tem se mostrado infeliz com os impactos humanos sobre ela. O lucro, que muitas vezes se dá pela exploração de mão de obra, para além de causar malefícios aos nossos corpos, nos desconectou com aquilo que existe de mais importante, a terra. Sem terra, não temos vida e sem vida o trabalho se torna inútil. Se torna inadiável, repensarmos nossa relação com a natureza, independente de suas crenças religiosas, materialmente você mora neste planeta e a partir do momento que ele não aguentar mais, não terá onde se abrigar, nenhum email será tão importante, ninguém está preocupado se sua planilha está ou não atualizada. Que possamos então nos reconectar às práticas originárias de cuidado à terra.

Por fim, me vem que uma vez Nego Bispo nos disse que se fosse considerado uma pessoa reconhecida por dançar e desenhar mal, talvez isso fosse um indício de que o seu corpo ainda não foi totalmente colonizado e eu encontro nesse ensinamento um sentido empoderador de refletir meu caminhos de dificuldades até a conclusão desta monografia e trago para mim a verdade de que a minha dificuldade de escrever minhas palavras, ou seja, fotografar minhas falas e melhor, passar de forma escrita vivências que pertencem a minha jornada, seja um indício que meu corpo e minha mente ainda resistem a colonização.

Para mim faltou tempo, facilidade em me adaptar a linguagem acadêmica, mas penso que minha espiritualidade e minha relação com a terra foram muito fiéis a mim, nos encontros, nas inspirações e no tempo em que consigo finalizar esse trabalho. Para muitos o atraso em entregar essa monografia, junto com a falta de tempo poderiam parecer um sinônimo de fracasso. Para mim, prefiro pensar que o tempo investido vivendo o mercado de trabalho me permitiu lugares de sabedoria e vivências para estruturar essa pesquisa. Agradeço também por meu trabalho ter me permitido confluir com muitos mestres que compartilham da mesma vivência que eu, como explica Nego Bispo, confluência é um conceito central para entender as epistemologias e práticas dos povos tradicionais, a partir de uma lógica contracolonial. Diferente da ideia ocidental de “interseção” ou “integração”, que frequentemente parte da ideia de agregar elementos distintos num sistema dominante, a confluência é o encontro entre diferentes que não apagam suas identidades, mas se afetam, trocam e caminham juntos, sem se colonizar mutuamente.

Sigo por aqui na luta em questionar, fazer a diferença e me manter viva sendo os sonhos dos meus ancestrais e construindo uma jornada de trabalho que não fuja do meu propósito. Finalizo essa pesquisa com uma música da cantora Bia Ferreira, que fala sobre o desejo de ser instrumento da cultura caminhar junto com nossos universos individuais e propósitos.

Que eu seja instrumento
Da arte
Que o meu corpo seja parte
Do propósito do universo em mim
Que eu seja o que meus ancestrais sonharam
E que seja sempre assim

(FERREIRA, 2022)

Existe em mim um desejo verdadeiro em seguir minha caminhada como trabalhadora da cultura de forma em que eu seja instrumento dela, sem me perder dos propósitos que

habitam nos universos em mim. Para além, de ser os sonhos dos meu ancestrais eu também sou onde se espelham meu sobrinhos e na esperança de construir novas relações mais saudáveis entre o corpo negro e o trabalho, eu afirmo um compromisso com a minha qualidade de vida, mas também um compromisso em construir novas narrativas para os meus mais novos. Aos trabalhadores negros da cultura, desejo que nossas vivências coletivas possam salvar nossas individualidades, que a confluência entre nossas trajetórias possam nos salvar diariamente e que possamos encontrar no hoje, em pequenas atitudes diárias limites e ferramentas que nos permitam uma jornada mais humana.

REFERÊNCIAS

MATUMBI, Lazzo. *14 de Maio*. Intérprete: Lazzo Matumbi. Salvador: Polydisc, 1987.

MOVIMENTO NEGRO UNIFICADO (MNU). *Manifesto de Fundação do Movimento Negro Unificado contra a Discriminação Racial*. São Paulo, 07 jul. 1978. Disponível em: https://acervo.ipea.gov.br/upload/userfiles/files/TDs/td_2096.pdf. Acesso em: 26 jun. 2025.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Tradução de Jess Oliveira e Sônia T. Felipe. 2. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019

DAVIS, Angela. *Em busca de mim: uma autobiografia*. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2022.

KRENAK, Ailton. *A vida não é útil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

SANTOS, Antônio Bispo dos. *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ubu, 2023.

SANTOS, Antônio Bispo dos. *Colonização, quilombos: modos e significações*. Brasília: INCTI/UnB, 2015.

VICH, Victor. *Desculturalizar la cultura: la gestión cultural como forma de acción política*. Buenos Aires: Siglo XXI Editores, 2014.

“Colonialismo e Quilombos: modos e significados” Entrevistas públicas, como no documentário “*Filosofia da Encruza*” e eventos como a FLUP (Festa Literária das Periferias)

EVARISTO, Conceição. Nossa fala estilhaça a máscara do silêncio. *CartaCapital*, 13 de maio de 2017. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/conceicao-evaristo-201cnossa-fala-estilhaca-a-mascara-do-silencio201d/>. Acesso em: 20 jun. 2025.

AGÊNCIA BRASIL. Faltam mulheres negras em altas lideranças do setor de publicidade. *Agência Brasil*, 7 jun. 2023. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2023-06/faltam-mulheres-negras-em-altas-liderancas-do-setor-de-publicidade>. Acesso em: 17 jun. 2025.

VOGUE BRASIL. Negros são apenas 10% da liderança das agências. *Vogue Negócios*, 30 maio 2023. Disponível em: <https://vogue.globo.com/vogue-negocios/noticia/2023/05/negros-sao-apenas-10-porcento-da-lideranca-das-agencias.ghtml>. Acesso em: 17 jun. 2025.

MEIO & MENSAGEM. Audiovisual brasileiro é majoritariamente ocupado por pessoas brancas. *Meio & Mensagem*, 6 dez. 2023. Disponível em: <https://www.meioemensagem.com.br/marketing/audiovisual-brasileiro-e-majoritariamente-ocupado-por-pessoas-brancas>. Acesso em: 17 jun. 2025.

MARCA DAS MULHERES NEGRAS SP. *Por um audiovisual com equidade de raça e gênero*. YouTube, 25 jul. 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SBRrMKgqgUM>. Acesso em: 17 jun 2025.

BENTO, Cida. *Pacto da branquitude: a perpetuação das desigualdades raciais*. São Paulo: [Editora], 2019.

ONU MULHERES. *Relatório da 78ª edição do Marché du Film*. Cannes, 2025.

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. *Diário Oficial da União*: seção 1, Brasília, DF, 10 jan. 2003.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. Tradução de Renata Santini. São Paulo: n-1 edições, 2018.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *The danger of a single story*. TED Talks, 2009. Disponível em: https://www.ted.com/talks/chimamanda_ngozi_adichie_the_danger_of_a_single_story. Acesso em: 10 jul. 2025.

G1. *Brasil tem menos de 1% de mulheres negras em cargos de liderança*. YouTube, 25 jul. 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pxe92zWOotE>. Acesso em: 11 jul. 2025.

NAIRAMETRICS. Nigeria maintains largest African economy for fifth year in a row as Egypt catches up. *Nairametrics*, 21 jul. 2023. Disponível em: <https://nairametrics.com/2023/07/21/nigeria-maintains-largest-african-economy-for-fifth-year-in-a-row-as-egypt-catches-up/>. Acesso em: 10 jul. 2025.

GONZALEZ, Lélia; HASENBALG, Carlos. *Lugar de negro*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982.

NASCIMENTO, Abdias do. *O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado*. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2016.

AGÊNCIA BRASIL. Setor cultural tem mais emprego informal que o conjunto da economia. *Agência Brasil*, 12 dez. 2023. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2023-12/setor-cultural-tem-mais-emprego-informal-que-o-conjunto-da-economia>. Acesso em: 10 jul. 2025.

FERREIRA, Bia. *Antes de Ir*. Intérprete: Bia Ferreira. São Paulo: Deckdisc, 2019.